

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE ARTES VISUAIS

JAÍNNE CRISTINA PAES LADEIRA

**Grafite e Escola:**  
**reflexões sobre a Oficina de grafite do Ensino Médio Integral e Integrado sob o olhar dos/as estudantes que participaram do processo durante todo o ano de 2018.**

JUIZ DE FORA

2019

JAÍNE CRISTINA PAES LADEIRA

**Grafite e Escola:**

**reflexões sobre a Oficina de Grafite do Ensino Médio Integral e Integrado sob o olhar dos/as estudantes que participaram do processo durante todo o ano de 2018.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Fabrício Carvalho

Co-orientadora: Bruna Tostes de Oliveira

JUIZ DE FORA  
2019

JAÍNNE CRISTINA PAES LADEIRA

**Grafite e Escola:**

**reflexões sobre a Oficina de Grafite do Ensino Médio Integral e Integrado sob o olhar dos/as estudantes que participaram do processo durante todo o ano de 2018.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Ensino de Artes Visuais, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Fabrício Carvalho

---

---

---

## **ESBOÇO (Introdução ou onde/porque tudo começou)**

Primeiro risco em uma carteira escolar, o nome desenhado sobre a mesa. Em evidência, não é sobre a memória de um nome escrito, ou todos aqueles que já li em carteiras, banheiros, assentos de ônibus, ou sobre qualquer desenho e rabisco - que surge em meio ao ócio, tédio ou animação e - se coloca sobre superfícies proibidas ou não direcionadas a isso que se destina esta escrita. Mas é sobre um mesmo sentimento: apropriação do espaço e reafirmação da identidade pelo traço feito.

Começo assim a divagar sobre o que me leva a escrever para que deixe em registro o caminho para a construção do real potencial deste ensaio: refletir sobre a presença do Grafite no ambiente escolar. Sou professora de Arte do Estado de Minas Gerais desde 2017. Ingressei na escola (como estudante) em 1998, no pré-escolar. Anos passados na escola (em algumas dezenas delas) como estudante, estagiária, professora e sempre os rabiscos em locais não propícios se fizeram presentes.

Curiosidade, distração, identificação com algumas escritas e desenhos definem alguns dos meus sentimentos enquanto observadora de todos aqueles conjuntos de ilustrações diversas - que ora dialogavam entre si, ora criavam narrativas independentes. Uso esta lente para começar a leitura sobre os trabalhos produzidos durante a Oficina de Grafite, ofertada durante todo o ano letivo de 2018, na Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, no município de Paula Cândido, Minas Gerais, por estudantes do primeiro ano do Ensino Médio Integral e Integrado, sob orientação de uma professora contratada para mediar esta atividade.

Aqui serão colocadas impressões dos/as estudantes sobre o processo e produto final, bem como minhas percepções alinhadas ao que teóricos/as elucidam sobre o assunto. Pensar sobre os rabiscos nas paredes, carteiras, banheiros, portões pode ser uma forma de aproximar do significado histórico-cultural do Grafite, da apropriação desta linguagem artística e sobre o estado de pertencimento dentro do meio escolar.

Para isso, a pesquisa foi feita em conjunto com os/as estudantes participantes da oficina através de entrevistas semiestruturadas, durante rodas de conversas. Pudemos falar sobre todo andamento da oficina, impressões de cada estudante e como, na visão deles/as, esta atividade modificou a escola, ressaltando pontos diversos, impressões pessoais e do grupo como um todo, consensuais ou não.

Por um lado, um espaço cedido para a alocação e permanência dos desenhos da oficina, por outro, o esforço diário em limpar todas as marcas que os/as estudantes deixam, todos os dias, espontaneamente, pela escola (paredes, mesas, cadeiras etc.). Na

tentativa de NÃO esgotar a escrita e o debate aqui - pois continuá-lo é necessário -, (me) questiono: por que alguns desenhos e escritas são permitidos e mantidos em espaços comuns da escola e outros não? O “problema” é: espaço, conteúdo, qualidade, estético ou moral quando se permite ou coíbi práticas, produções e expressões artísticas no meio escolar?

### **MATERIAIS (o grafite, a história e a escola)**

O grafite é uma forma de inscrição urbana com origens no movimento da contracultura, iniciado na década de 1960. Desde o início, o grafite está ligado à contestação política e ideológica e a movimentos de afirmação identitária. (LAZZARIN, 2007, p. 62). Neste sentido, é um pouco distante pensar no grafite como arte de enfeite ou neutra. Sua raiz vem de um engajamento e seus artistas promotores o fazem como uma maneira de resistir e se colocar em resposta às opressões diárias sofridas.

Nas cidades, muros e grades demonstram hostilidade e barreiras que contribuem para a exclusão de muitos/as. Gosto muito da definição que Valdemar Schultz traz: "as intervenções urbanas crescem como mato entre as pedras" (2010, p.3). Isso é uma metáfora poética que demonstra a organicidade com que intervenções urbanas, como o grafite, emergem nas ruas. Em meio a dureza do cotidiano, os traços grafitados são sinais vitais de uma população esquecida.

“Grupos economicamente marginalizados e excluídos pelo sistema social vigente criam modos de afirmação próprios, fazendo valer sua voz.” (SCHULTZ, 2010, p. 3). Nos diferentes espaços e instituições, o rabisco, o desenho e a escrita em locais públicos - não destinados a estas criações - acabam por se tornar a marca ou o grito daqueles/as que são, por vezes, silenciados por toda uma estrutura social excludente.

Se o registro deixado ecoa questionamentos e interfere na paisagem onde se estabelece, acaba por incomodar a quem a ordem e controle quer ter e manter (ou continuar tendo e mantendo). Isso quer dizer que o/a grafiteiro/a quando deixa sua marca, rompe com a ordem vigente, subvertendo-a.

O grafite já foi alvo de censura no Brasil. Nos anos 1960, quando aqui chegou e ganhou visibilidade, foi fortemente reprimido. No período ditatorial, o grafite, a par de outras formas culturais, era criminalizado. (FURLANETTO, 2018)

Hoje, tanto pela conquista democrática, quanto pelo fracasso da tentativa de silenciamento das vozes das ruas, o grafite tornou-se uma manifestação artística mais aceita. Acontece que ainda não nos despimos de visões moralistas e conservadoras sobre

este tipo de arte e, como uma maneira de ceder à resistência, e ao mesmo tempo manter a ordem, diferenciações entre intervenções urbanas foram criadas, estabelecendo limites entre o permitido e o não permitido. É aí que nasce a oposição entre grafite e pichação.

Tanto a pichação como o *graffiti* foram lançados na vala comum e considerados condutas penalmente reprováveis, pelo dano que causam ao ambiente, em razão da poluição visual. Ocorre que, lentamente, a própria avaliação estética proporcionou uma separação e uma nova definição para as duas modalidades. A pichação despe-se de qualquer referência artística e, inerente à sua vocação clandestina, invade as ruas com palavras hostis e símbolos agressivos de uma cultura de transgressão. A grafiteagem, por sua vez, estruturada por grupos comprometidos com a arte, busca o espaço urbano para trabalhar com sua tinta spray e criar paisagens, gravuras e painéis harmônicos, extremamente coloridos. É muito frequente o pedestre parar e admirar a arte exposta na rua, sem falar do interesse interpretativo dos críticos especializados na modalidade, que já conseguiram entronizar a *street art* nos grandes museus. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2014, s.p.)

Podemos perceber neste trecho que o argumento estético é utilizado para deslegitimar a pichação. Mas como é possível desvincular essas duas linguagens se ambas nascem a partir e com o mesmo propósito de questionar os padrões hegemônicos? É possível retirar o caráter transgressor do grafite e apenas analisar e admirar a técnica imbricada nos desenhos?

Tanto o graffiti como a pichação usam o mesmo suporte – a cidade – e o mesmo material (tintas). Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra. (GITAHY, 1999, p.19)

Neste sentido, o grafite e a pichação, tendo o mesmo berço e desempenhando as mesmas funções, são manifestações equivalentes. Diferenciá-las, defendendo uma e atacando outra só faz sentido quando entendemos que apenas no discurso daquele que detém, quer manter ou se rende à classe dominante existe esta distinção. “Se não pode com eles, junte-se a eles” já nos diz o ditado popular. A incapacidade do silenciamento fez com que quem antes tentava aniquilar, agora tente se apropriar. Sem, contudo, deixar seus princípios de lado, ressoa como “dividir para conquistar”, ou seja, cria categorias para uma prática artística, de maneira higienista, colonizando-a, estabelecendo formas e limites para o que pode ser praticado e o que deve ser combatido.

O grafite, como linguagem artística, evidencia formas criativas e trava um diálogo muito próximo com a juventude. Seus temas, suas cores, seus traços se tornam, muitas vezes, a linguagem que a juventude quer usar, ver e ouvir. Ainda que, originalmente,

represente grupos marginalizados, hoje é possível ver o grafite ganhando a simpatia de jovens de diferentes classes.

Por ser uma linguagem acessível e inclusiva, o grafite vem, cada vez mais, ganhando espaço nas escolas. Através de projetos, oficinas, aulas, é possível vê-lo ocupando ambientes escolares em atividades socioeducativas. Trazer o grafite para este ambiente vem a ser uma possibilidade de aproximar estudantes de seu meio, de modo reflexivo e afetivo. Poder traçar, rabiscar, pintar, grafitar as paredes, que em outras circunstâncias seria proibido pelos/as gestores/as - mas que acontecem ainda com a proibição - se torna uma maneira de deixar uma marca e, assim, estabelecer vínculos com o ambiente onde se passa a maior parte dos dias. Seja na fachada, seja no espaço interno, as escolas estão abrindo suas portas e permitindo que esta manifestação artística chegue e se instale.

As reformas educacionais no âmbito das políticas públicas e também os estudos pós-modernos sobre educação apontam, também, para a emergência do reconhecimento da diversidade identitária dos alunos como elemento imprescindível para pensar formas de ensino que respeitem e atendam às necessidades de quem frequenta a escola, assim como os diversos contextos de onde emergem os referidos sujeitos. Mas é preciso que o sujeito saiba reafirmar a sua identidade e tenha espaço para seu discurso. Em virtude disso, a concepção pós-moderna de identidade requer estratégias pedagógicas para lidar com os diferentes em sala de aula (MOREIRA, 1982), contemplando a complexidade do ser humano e sua pluralidade. [...] É nesse contexto que podemos perceber a possibilidade do grafite como um recurso didático, visto que ele se aproxima da realidade das periferias, daqueles que são oprimidos, como nomeava Paulo Freire (1988), pois o grafite se ocupa com os problemas e interesses das minorias. (SILVA; IAPECHINO; GOMES, 2010, p.5)

Sendo assim, o Grafite na escola ultrapassa as barreiras de uma mera ocupação para os/as estudantes ou aprendizado de um ofício ou técnica, mas contribui para que cada aluno/a reflita e se aproprie, de maneira crítica, de elementos cotidianos que seu(s) contexto(s) os/as proporcionam e constituem.

A escola precisa, pois, atender aos interesses de sua comunidade, ser vetor de uma educação libertadora que abra espaço para as formas de expressões dos componentes das camadas populares a que atende. A escola precisa, então, estar sensível para dialogar com tudo que há de real e histórico na cidade e não tentar “moldar” o espaço urbano. Dialogando, então, com tribos grafiteiras que possuem sua identidade e sua forma de expressão, a escola pode deixar de ser uma instituição organizadora de seu espaço interior de forma isolada e voltar-se para a sociedade num mundo real e diversificado, dando um passo a mais em direção a novas descobertas e trocas de saberes (ORLANDI, 2004). O aluno, por sua vez, mais aproximado de sua vivência e de tudo que ele percebe no espaço urbano, por meio do grafite, tem mais espaço e liberdade de expressão de suas identidade e territorialidade, e essa pedagogia pode facilitar o seu aprendizado pelo potencial discursivo que o grafite possui e pela oportunidade de desenvolver sua imaginação, criatividade e comunicação, opondo-se a uma pedagogia transmissiva, carregada de ideologias que moldam os alunos aos interesses da elite. Surge, então, a possibilidade “de uma pedagogia problematizante e não de uma ‘pedagogia’ dos ‘depósitos’, ‘bancária’”. (FREIRE, 1988, p. 156). (SILVA; IAPECHINO; GOMES, 2010, p.8)

## **MÃOS À OBRA (o Grafite na Escola Estadual Professor Samuel João de Deus)**

Na Escola Samuel<sup>1</sup> o Ensino Médio Integral e Integrado funciona desde 2018. A Educação Integral e Integrada é uma iniciativa governamental que tem como princípios:

Ações que busquem implementar formação em diversas áreas, como esporte, artes plásticas, dança, música, teatro, informática, que complementem o conhecimento tradicional acessado pelo estudantes, por meio da ampliação da jornada escolar [...]. A ideia é que as ações sejam construídas coletivamente com os atores que fazem parte do dia a dia das escolas de modo a fortalecer a iniciativa ao longo dos próximos anos. [...] Além de o estudante ter o acompanhamento pedagógico e orientação de estudos, ele também participa de atividades que contribuem para sua formação integral. As ações contemplam, no mínimo, quatro dos seguintes eixos formativos: acompanhamento pedagógico/orientação de estudos (obrigatório), esporte e lazer; memória, cultura e artes; história das comunidades tradicionais e sustentabilidade; educação em direitos humanos; promoção da saúde; educação ambiental, educação econômica, economia solidária e criativa; comunicação, uso de mídias e cultura digital e tecnológica; agroecologia e iniciação científica. [...] A Educação Integral e Integrada na educação básica assegura jornada escolar igual ou superior a 7 horas diárias (ou 35 semanais), durante o período letivo e vem ao encontro das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) que tem como propósito assegurar o acesso e permanência dos estudantes na educação básica, com melhoria da qualidade do ensino e o respeito à diversidade, garantindo as condições ao desenvolvimento de saberes e habilidades dos estudantes, ampliando a oferta da jornada em tempo integral. (Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2018)

Dentro deste formato, são oferecidas aos/às estudantes aulas durante o dia todo (manhã e tarde) com uma grade composta por disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), oficinas obrigatórias (como as de Educação para a Cidadania e Projeto de Vida e Iniciação Científica) e oficinas optativas<sup>2</sup>. As oficinas optativas são escolhidas, de maneira democrática (pela maioria), pelos/as estudantes no final do ano letivo para começarem a ser ofertadas no ano seguinte. Ao escolherem por votação, seleciona-se oficinas optativas (as mais votadas) que contemplem as áreas referidas no trecho acima.

---

<sup>1</sup> “Escola Samuel” é como a Escola Estadual Professor Samuel João de Deus é conhecida e chamada por todos/as em Paula Cândido-MG.

<sup>2</sup> As oficinas optativas são assim denominadas por serem escolhidas pelos/as estudantes. Contudo, uma vez selecionadas e ofertadas, na Escola Samuel todos/as são obrigados/as a cursar, independente de terem votado ou não nelas.



Foi neste contexto que a Oficina de grafite foi selecionada pelos/as estudantes. No final do ano de 2017, quando estavam no nono ano do Ensino Fundamental, a maioria votou, dentre outras oficinas, para que fosse ofertado o grafite na escola. Então, em 2018 foi organizada uma banca para a contratação de um/a professor/a desta linguagem artística.

A contratação de professores/as para estas oficinas acontece por meio de uma banca avaliadora. É necessário montar um projeto e apresentá-lo à banca composta pelo/a diretor/a ou um/a professor/a membro do Colegiado, o/a coordenador/a do Ensino Médio Integral e Integrado, um/a representante da Superintendência Regional de Ensino (SRE) a qual a escola está alocada e um/a estudante. Para submeter um projeto é necessário ter o Ensino Médio como formação escolar mínima, comprovando experiência na área que deseja atuar. A pontuação é feita pelo currículo - de acordo com a escolaridade e experiência na área -, pelo projeto e pela arguição do mesmo.

Em 2018, apenas uma professora se candidatou à vaga das aulas de grafite. Ela não é inserida neste universo artístico, mas é artista (e professora de Arte do Estado de Minas Gerais há anos), seguiu todo o protocolo e foi contratada. Em fevereiro começaram as aulas.

Durante o ano, o andamento da oficina foi muito prejudicado por falta de estrutura e recursos. Materiais como tintas (guache e spray), pincéis, esponjas, fitas adesivas, máscaras, luvas, cartolinas e suportes para estêncil só foram chegar na escola no mês de julho. Fato este que tornou difícil o trabalho, na visão dos/as estudantes, pois o único recurso encontrado para suprir a falta de materiais foi o de trabalhar o grafite de maneira teórica. Através de textos, filmes, documentários e conversas, falaram sobre a história e técnicas dos traços.

Quando os materiais chegaram, os/as estudantes começaram a produzir desenhos de diversos tipos. Foram instigados a desenhar coisas de suas preferências, o que gostavam ou achavam bonito. De modo um tanto subjetivo e particular, fizeram muitos desenhos durante as aulas. Personagens de quadrinhos, seres místicos (fadas, bruxas etc), paisagens, pessoas e animais foram o que mais desenharam. Não existiu uma temática central para a realização destes trabalhos, tendo o/a estudante liberdade na criação.

Outra coisa que também praticaram foi o estêncil. Durante as aulas, criaram moldes, em radiografias (conseguidas através de doações), de desenhos diversos que os/as agradassem, ou, ainda, utilizando moldes que a professora da oficina levava para as aulas.

O grafite, como uma manifestação artística de ocupação, tinha como proposta preencher as paredes da escola. Os/as estudantes, ao escolherem a oficina já idealizavam como e onde inscreveriam seus traços. A professora, quando montou seu projeto também pensava em como trabalhar com os/as estudantes para que grafitassem a escola. O diretor, muito simpático à oficina, disponibilizou um muro inteiro do pátio para que pudessem ocupar com os desenhos. Assim, a professora e os/as estudantes se mobilizaram para produzir o que iria ser composto e exposto naquele lugar.

Com um montante de 75 estudantes participantes, a oficina de grafite foi acontecendo. Diversos desenhos criados e um muro, com uma área de, aproximadamente, 65m<sup>2</sup> para ser ocupado, começou a ser preenchido em setembro de 2018.

A decisão para o que iria para a parede foi tomada através de uma seleção da professora da oficina e outros/as professores/as da escola. Grupos de alunos/as foram formados para que produzissem desenhos coletivos. Os/as estudantes, ao fazerem os desenhos em seus grupos já estavam cientes de que nem todos iriam para o muro, pois o espaço não comportaria tantos trabalhos. Para a seleção, os critérios adotados foram os de escolherem os desenhos mais bonitos e/ou que, de alguma maneira, ornassem e retratassem o ambiente escolar. Ao todo, foram selecionados sete desenhos.

### **RESPINGOS (ações e percepções sobre a oficina de Grafite)**

Durante minhas conversas com os/as estudantes, muitos/as me relataram que acharam injusta e excludente a maneira pela qual a seleção dos desenhos aconteceu. Com o olhar para a execução técnica e beleza, a professora da oficina, em conjunto com outros/as professores/as da escola que escolheram os sete desenhos, acabaram deixando de lado a opinião dos/as próprios/as estudantes.

A exclusão dos desenhos me fez lembrar do documentário “Cidade Cinza”, produzido em 2013 por Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo, que retrata os efeitos da Lei cidade limpa<sup>4</sup>, na gestão de Gilberto Kassab, em São Paulo.

---

<sup>4</sup> O esforço por uma São Paulo de paisagem mais ordenada foi recompensado com a Lei nº 14.223, a Lei Cidade Limpa. Este texto, acrescido do decreto regulamentador nº 47.950, visa recuperar certos direitos fundamentais da cidadania que haviam se perdido com o tempo. O direito de viver em uma cidade que respeita o espaço urbano, o patrimônio histórico e a integridade da arquitetura das edificações. O direito a um relacionamento mais livre e seguro com as áreas públicas. A Lei Cidade Limpa significa a supremacia do bem comum sobre qualquer interesse corporativo. Sua aplicação permitirá a São Paulo diminuir a poluição visual que há tantos anos prejudica nosso bem-estar e promover uma melhor gestão dos espaços que, por concessão pública, poderão ter mobiliário urbano com propaganda. Mais do que um texto com proibições, a lei é um meio para tornar São Paulo ao mesmo tempo mais estruturada e acolhedora. (Site da Prefeitura de São Paulo)

O epicentro, digamos assim, do documentário é um painel numa muralha do centro, apagado na gestão de Gilberto Kassab. Com a lei da cidade limpa, o painel foi considerado sujeira e recoberto por uma “higiênica” tinta cinza. Para ornar com o resto do ambiente, vizinho à bucólica Avenida 23 de Maio. A luta para reocupar com arte aquele espaço cinza é uma espécie de simbologia do grupo. Uma simbologia vitoriosa, afinal de contas. O painel foi repintado, sob os auspícios da Prefeitura, numa espécie de mea culpa por não saber distinguir entre arte e rabisco. O próprio prefeito, e o secretário da Administração da Sé, Andrea Matarazzo, compareceram ao ato, quando o painel ficou pronto. (ORICCHIO, 2013, s.p.)

A hostilidade com que esta lei foi executada pode ser comparada com a hostilidade com que gestores/as, professores/as e até mesmo alguns/as estudantes olham para o que se é produzido na escola. No documentário são mostradas cenas de funcionários da prefeitura paulista selecionando o que iria e o que não iria ser coberto pela tinta cinza, através de classificações superficiais e irrisórias do conceito dos desenhos. Assim como pareceu ter sido o processo de escolhas dos desenhos dos/as estudantes: sem um olhar mais dedicado, escolheu-se os trabalhos que demonstravam o que se pensa, muitas vezes, sobre a arte, que ela serve como exaltação da beleza e é digna de admiração (apenas).

A seguir, duas imagens retiradas do documentário ilustram a situação supracitada. A primeira imagem (Figura 1) é de um grafite que foi apagado, pois julgou-se que não se tratava de arte ou de um desenho belo, sendo classificado como um rabisco feio e sem sentido.



**Figura 1** Cena do documentário “Cidade Cinza”: segundos antes de cobrirem este grafite com a tinta cinza. (49’46’’)

A segunda imagem (Figura 2) retrata um grafite que deixaram exposto, apagando, apenas, a assinatura dos artistas que o produziram<sup>5</sup>, pois não gostaram da forma como foi escrita. Os funcionários da prefeitura (o responsável pelas ações, principalmente) gostaram muito dos traços do menino desenhado. Ignoraram o fato dele estar portando uma lata de spray, numa cena evidente de pichação que tanto “combatem” com as tintas cinza, e se deleitaram com a forma como os Gêmeos caracterizaram a cena, deixando o grafite permanecer.



**Figura 2** Cena do documentário "Cidade Cinza": momento em que a assinatura dos Gêmeos é apagada e o desenho do menino é deixado na parede. (49'53'')

Na Escola Samuel a professora da oficina e os/as professores/as que a ajudaram no processo de escolha dos desenhos desempenharam papel análogo aos que tinham os funcionários da prefeitura de São Paulo. O diferencial é que a professora da oficina tinha um envolvimento maior com o grafite e exercia a função de facilitadora desta linguagem dentro da escola, e ao invés de apagar, estava-se decidindo o que preencheria as paredes daquele lugar.

---

<sup>5</sup> Quem produziu o grafite retratado na Figura 2 foram Os Gêmeos (Otávio e Augusto Pandolfo), um dos maiores nomes do grafite brasileiro.

Contudo, no momento da escolha entre o que iria e o que não iria para a parede, o poder que detinham a professora, gestores/as e professores/as acabou por legitimar o pensamento hegemônico sobre arte: beleza, admiração, talento, dom. Da mesma maneira que os funcionários da prefeitura de São Paulo, na execução da Lei cidade limpa, legitimaram este mesmo pensamento em suas ações de apagamento dos grafites.

Na escola, ainda que o muro tenha sido cedido para que os/as estudantes pudessem colocar seus trabalhos nele, nem tudo era permitido. A maneira pela qual a seleção aconteceu evidencia isso. As escolhas pautadas em padrões estéticos (harmonia, proporção, equilíbrio), acabaram por deixar um pouco de lado a expressividade e representatividade que todos os desenhos tinham. Esse tipo de ação é reflexo do que Luís Fernando Lazarin elucida sobre a Arte na escola:

[...] o ensino de Arte não dá conta das práticas artísticas contemporâneas exatamente porque assume o discurso da arte de museu. A barbárie da rua figura a complexidade da vida contemporânea, dos múltiplos modos de vida que se entrecrocaram e se superpõem a todo momento, e de manifestações artísticas que ultrapassam o modelo de arte oficial que a escola insiste em reproduzir. Tal modelo baseia-se em um ideal romântico de perfeição técnica e de celebração do grande gênio e de suas obras. Da forma como foi entendida pela Educação, a ideia de talento ajudou enormemente a afastar as pessoas da possibilidade de viver experiências criadoras. Se o ensino de Arte se propõe a ser fundamental no desenvolvimento do estudante, deve repensar a ideia de talento. É preciso, pois, ter em mente as inúmeras formas de experiência que diferentes grupos consideram como arte, como processos criativos, e não apenas a reprodução de um repertório ideologicamente determinado. (2007, p.69)

Ainda que o Grafite estivesse inserido em uma oficina e não na grade curricular obrigatória, o formato como foi conduzido para o que iria ou não para a parede reforça esse estado da arte que exclui aqueles/as que não demonstram aptidão técnica para o feito. Muitos/as estudantes não se sentiram pertencentes ao movimento que estava acontecendo justamente por terem seus desenhos excluídos a partir de critérios subjetivos (e submissos a um discurso dominante da arte) por parte de quem escolheu. E, pelos relatos, houve pouca ou nenhuma tentativa de inclusão destas pessoas, pelo contrário, apenas lhes cabia observar ou auxiliar em trabalhos secundários (buscando tinta, lavando pincel, segurando cadeiras etc.) de quem estava pintando.

Contudo, por mais que estivesse organizado quem pintasse e quem auxiliasse, durante a movimentação dos trabalhos, muitos/as outros/as estudantes foram envolvidos/as no processo espontaneamente. Alunos/as de outras turmas também foram atraídos/as para o que estava acontecendo na escola. Vários olhares curiosos e muitas

peçoas querendo ajudar no processo calha com o que Luís Fernando Lazzarin diz sobre o potencial do Grafite:

Como intervenção, o grafite também sofre intervenções. A intervenção realizada pelos grafiteiros está tanto no produto realizado quanto na performance, na execução do trabalho, que desperta curiosidade, indignação, ironia; às vezes, as pessoas não se contêm e querem, elas próprias, executar algum traço. (2007, p.67)

Dentre todos os grafites, o que mais sofreu interferência de estudantes de outras turmas (e a minha, inclusive) foi o desenho “O Leão”. Ainda que seja o menor desenho dentre os sete, muitas pessoas deixaram suas contribuições nele<sup>6</sup>.



**Figura 3** Grafite "O Leão".

Outro trabalho também foi alvo de interferências de outras pessoas. Não no momento de execução do desenho, mas tempos depois (esse ano) deixaram marcas, reconfiguraram o grafite produzido. Reescreveram o desenho, se apropriaram e fizeram o que o grafite permite: que se recontе uma história por cima de outras.

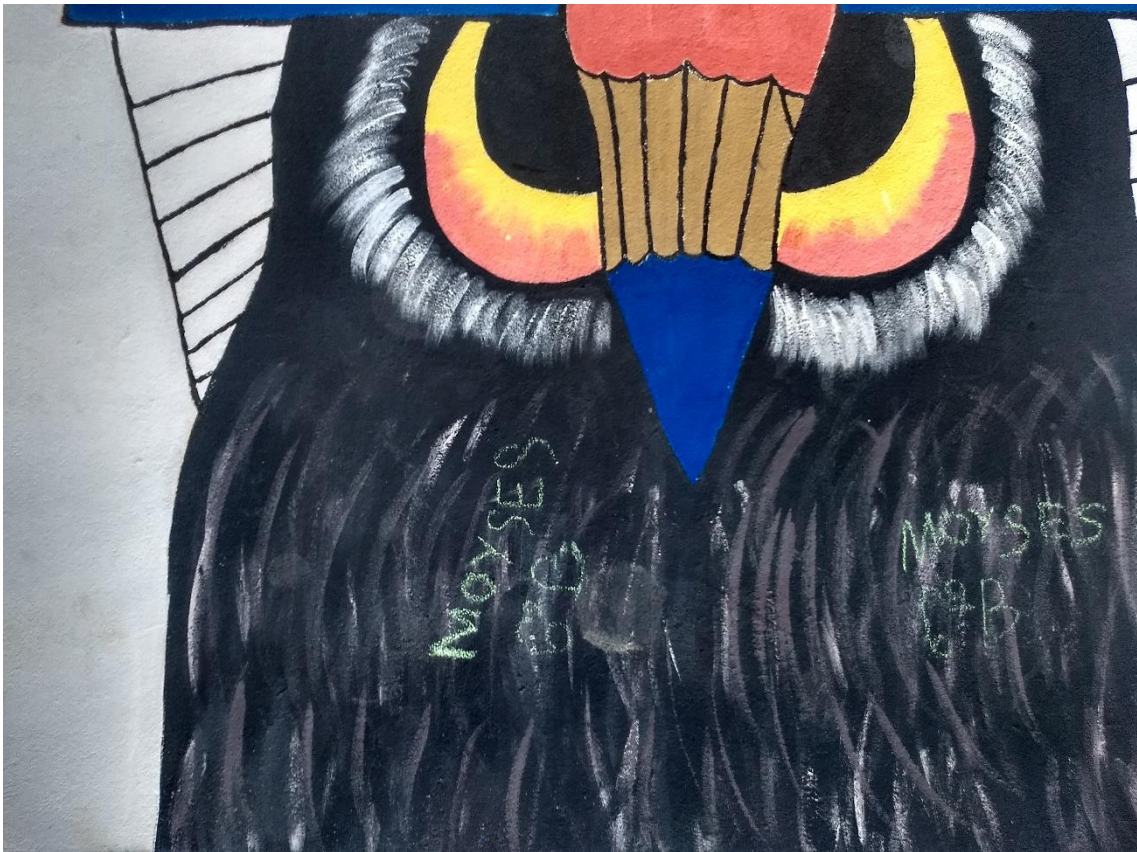
---

<sup>6</sup> Um dos motivos que levaram muitas pessoas a interferirem no processo do desenho “O Leão” pode ter sido porque o menino quem pintou é bastante conhecido na escola, portanto estava sempre interagindo com muitas pessoas que passavam pelo pátio.





**Figura 4** Inscrição do nome de um estudante sobre o grafite "Coruja Sábia"- vista mais distante.



**Figura 5** Inscrição do nome de um estudante sobre o grafite "Coruja Sábia"- vista mais de perto.

Foram dias de muito movimento na escola. Não foram medidos esforços para a conclusão do trabalho. A rotina escolar foi transformada e a ação contribuiu para modificar não só o espaço físico, mas também o simbólico. “Os desenhos deram vida à escola, que antes era muito sem cor, sem graça”, relataram vários estudantes.



**Figura 6:** Processo do trabalho “Asas”. Trabalho desenvolvido por dois estudantes.



**Figura 7:** Processo do trabalho "Asas". Trabalho desenvolvido por dois estudantes.



Através dos desenhos, muitos/as estudantes viram materializar suas contribuições para a escola, deixando suas marcas permanentemente pelo pátio. Alguns/as daqueles/as que viveram o processo, ainda que não tenham participado da composição na parede, conseguiram perceber como o que debateram em aula se transformasse, de alguma maneira, nos trabalhos realizados. Porém, os/as estudantes que nada pintaram, lamentam não terem tido a oportunidade de aprender técnicas de desenho/grafite ou terem sido incentivados/as a desenhar/pintar, pois o andamento da oficina contou apenas com quem demonstrava “talento” para o desenho, evidenciando que a expressividade e criatividade foram colocadas em segundo plano.

Segundo essa lógica, o ensino de Arte restringe não apenas a experiência criadora dos estudantes, como também a atuação profissional dos professores. Aqueles que não têm a mesma habilidade performática recebem um tratamento diferenciado: não vale a pena perder tempo, pois talento não se aprende. Dentro dessa lógica, em que o ideal pedagógico é conseguido por meio da excelência técnica, faz sentido que o professor de Arte ideal seja um exímio desenhista ou pintor. É o mesmo raciocínio que se faz quando se pensa que o engenheiro é o melhor professor de matemática ou que o melhor atleta se tornará o melhor professor de educação física. (LAZZARIN, 2007, p.69)

Esta visão (limitada e limitante) da Arte recai tanto na prática da professora que, por vezes, investia mais tempo em quem tinha aptidão para o desenho, quanto no discurso dos/as próprios/as estudantes que, em muitos momentos, não davam créditos ao trabalho da professora por ela não ser uma “exímia grafiteira”.

Nisso perdemos o fio condutor educativo/pedagógico que a oficina de grafite poderia ter assumido. O que poderia ser uma experiência rica em diversidade e inclusão, acabou se tornando um espaço conivente com o discurso dominante. Contudo, não é a tarefa aqui apontar culpados por este caminho se não o do nosso próprio sistema (social e educacional) que, historicamente, imbrica que arte é para quem tem dom. Como Lazzarin traz:

O talento torna-se, assim, um parâmetro que se estende para a escolha do repertório a ser estudado. É claro que o professor deve ter um domínio mínimo da técnica, mas o que provoca muita confusão é a exigência por uma competência profissional de alunos e professores. Àqueles que desejarem, deve ser dada a oportunidade de desenvolver-se como profissionais de arte. Não se pode, porém, colocar como fim único da educação em arte a prática profissional, o que seria apenas conservar um ideal de virtuosidade e excelência incompatível com os objetivos educacionais. Como o ideal de ensino e avaliação é profissional, as comparações são inevitáveis. Os próprios professores muitas vezes não se sentem capazes porque não têm virtuosidade instrumental ou perfeição técnica para desenho ou pintura. (2007, p.69)

Este discurso, já muito naturalizado, se torna tão perverso, afinal acaba por desqualificar certas práticas e pessoas apenas por não se enquadrarem em um padrão determinado. A dicotomia grafite e pichação é respaldada, também, por estes padrões.

Ignora-se todo o potencial de representatividade, expressividade, experiência e criação, para dar lugar a um papel de enfeite e alegoria, retirando do grafite sua essência transgressora para adequá-lo aos moldes conservadores.

### **ÚLTIMOS RETOQUES (considerações inacabadas sobre o processo)**

A oficina como parte do currículo e cotidiano escolar interferiu e modificou a escola Samuel. Não só pelo produto final nas paredes, mas pelo processo, ainda que carregue todas as suas incoerências. Do rabisco subversivo ao grafite permitido - com ressalvas - alguns/as estudantes puderam, ao menos por um momento, criar modo de afirmação próprios, fazendo valer suas vozes.

Os desenhos permanecem e compõe o espaço escolar até hoje. Ainda são alvos de olhares, admirados ou despreziosos e interagem com a singularidade de cada corpo que habita o espaço e o coletivo que se instala cotidianamente. Hoje é possível ver marcas nascidas da espontaneidade da interação, feitas por quem se sente/sentiu convidado ou na necessidade de reconfigurar as formas dos desenhos.

Mais válido que a oficina e o processo de composição e criação dos desenhos (que já tem tamanha importância), é o que dela ficou. Direcionar o olhar para o que aqueles desenhos que se fazem presentes no cotidiano escolar da Escola Samuel representam foi uma maneira de enxergar meu ambiente de trabalho e os sujeitos que me acompanham na minha jornada.

Através desta escrita pude estender uma reflexão inacabada/inesgotável sobre os desenhos produzidos grafitados nas paredes, e, a partir deles, elucidar (em síntese) sobre aqueles que não foram selecionados para preencher o muro e sobre os rabiscos e desenhos que se fazem presentes no ambiente escolar.

Todas estas composições partem da necessidade humana de criar, se expressar, comunicar e suas existências são condicionadas a um jogo de poder hegemônico X resistência. O problema (que não é solitário) é muito mais estrutural que estético, ou seja, a permissão ou a coibição tem muito mais a ver com valores morais, de modo que sustente discursos dominantes, do que formal, de análise técnica somente (se é que seja possível fazer isto).

## REFERÊNCIAS

FURLANETTO, L. P. O Grafite como instrumento de participação cidadã no Brasil: uma proposta de reconhecimento a partir da criminologia da alteridade. International Center for Criminal Studies. 2 ago 2018. Disponível em: <[http://iccs.com.br/o-grafite-como-instrumento-de-participacao-cidada-no-brasil-uma-proposta-de-reconhecimento-partir-da-criminologia-da-alteridade-|-lenieli-perinotto-furlanetto/#\\_ftn5](http://iccs.com.br/o-grafite-como-instrumento-de-participacao-cidada-no-brasil-uma-proposta-de-reconhecimento-partir-da-criminologia-da-alteridade-|-lenieli-perinotto-furlanetto/#_ftn5)>. Acessado em 3 mai 2019.

GITAHY, C. O que é Grafite. São Paulo: Brasiliensi. 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/157954673/Celso-Gitahy-O-que-e-grafite-Livro>>. Acessado em: 2 mai 2019.

LAZZARIN, Luís Fernando. Grafite e o Ensino da Arte. Educação & Realidade [en linea] 2007, 32 (Enero-Junio). Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227045005.pdf>>. Acessado em 1 mai 2019.

MESQUITA, Marcelo; VALIENGO, Guilherme. Cidade cinza. Documentário, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag>>. Acessado em 1 mai 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, E. Q. **Pichação é crime. Grafitagem é arte.** Jusbrasil. 2014. Disponível em: <<https://eudesquintino.jusbrasil.com.br/artigos/133226868/pichacao-e-crime-grafitagem-e-arte>>. Acessado em 3 mai 2019.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Arte de guerrilha na ‘Cidade Cinza’. Estadão, 27 nov 2013. Disponível em:<<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/arte-de-guerrilha-na-cidade-cinza/>>. Acessado em 27 mai 2019.

PREFEITURA DE SÃO PAULO: CIDADE LIMPA. Disponível em: <[https://www9.prefeitura.sp.gov.br/cidadelimpa/conheca\\_lei/conheca\\_lei.html](https://www9.prefeitura.sp.gov.br/cidadelimpa/conheca_lei/conheca_lei.html)>. Acessado em 27 mai 2019.

SCHULTZ, Valdemar. Pichação e Grafite: reverberações educacionais. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Cachoeira, Bahia. 2010. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/valdemar\\_schultz.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/valdemar_schultz.pdf)>. Acessado em 1 mai 2019.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/page/16999-educacao-integral-integrada>>. Acessado em 1 mai 2019.

SILVA, Renata Carvalho da; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl; GOMES, Valéria Severina Gomes. O Grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre escola e cidade. VI ENECULT (Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura). Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24398.pdf>>. Acessado em 2 mai 2019.